



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

PETRUCIA LOPES BARBOSA

**QUINTAIS MEDICINAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DE
PRÁTICAS DA MEDICINA POPULAR: Uma revisão de literatura**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

PETRUCIA LOPES BARBOSA

**QUINTAIS MEDICINAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DE
PRÁTICAS DA MEDICINA POPULAR: Uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Fitoterapia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Érica Caldas S. de Oliveira

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238q Barbosa, Petrucia Lopes.
Quintais medicinais e sua importância na manutenção de práticas da medicina popular [manuscrito] : Uma revisão de literatura / Petrucia Lopes Barbosa. - 2021.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira , Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."
1. Plantas medicinais. 2. Fitoterapia. 3. Cultura popular . 4. Saber popular. 5. Medicina popular. I. Título
21. ed. CDD 615.321

PETRUCIA LOPES BARBOSA

QUINTAIS MEDICINAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DE PRÁTICAS
DA MEDICINA POPULAR: Uma revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Ciências Biológicas da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de bacharel em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Fitoterapia.

Aprovada em: 22/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Érica Caldas Silva de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr^a. Dilma Maria de Brito Melo Trovão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr^a. Karla Patrícia de Oliveira Luna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	ESTADO DA ARTE	06
2.1	Quintais Medicinais	06
2.2	Interesse das Comunidades Científicas	07
2.3	Uso e Tratamento Fitoterápico	09
2.3.1	<i>Valor Terapêutico: Conhecimento Empírico</i>	10
2.3.2	<i>Malefícios: Uso Popular e Tradicional</i>	11
3	METODOLOGIA	11
3.1	Natureza da pesquisa	11
3.2	Revisão de literatura	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	24

QUINTAIS MEDICINAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DE PRÁTICAS DA MEDICINA POPULAR: Uma revisão de literatura

MEDICINAL BACKYARDS AND THEIR IMPORTANCE IN MAINTAINING POPULAR MEDICINE PRACTICES: A literature review

Petrucia Lopes Barbosa*

RESUMO

O cultivo de plantas em quintais medicinais busca manter arraigados os saberes tradicionais nas comunidades, tendo como princípio norteador a manutenção de práticas da medicina popular. O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema quintais medicinais e sua relevância na manutenção dessas práticas. Este estudo abordou uma revisão de literatura, selecionando artigos sobre plantas medicinais utilizadas na fitoterapia por comunidades tradicionais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, considerando as duas primeiras décadas do século XXI. Foram analisados 11 artigos, relacionados à região Norte e 18 para a região Nordeste do Brasil, com o recorte temporal compreendido entre maio de 2001 a maio de 2021. Foi observada prevalência do gênero feminino, de jovens-adultos e pessoas com baixa escolaridade para as duas regiões. Quanto à quantidade de espécies mais utilizadas pelos participantes, 15 espécies de 11 famílias botânicas em que as espécies mais citadas foram o crajirú (*Arrabidaea chica*) e corama (*Kalanchoe pinnata*). Enquanto para a região Nordeste, 25 espécies de 14 famílias (babosa (*Aloe vera*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e hortelã (*Mentha arvensis* L.). Dentre as partes mais relatadas para o preparo terapêutico destacam-se as folhas e o caule. São utilizadas comumente para tratar doenças do sistema digestório e respiratório, hepáticas e, ainda para a região Nordeste, como calmantes e cólicas. Deste modo, foi possível constatar que a maioria dos entrevistados citados, possui um elevado conhecimento a respeito de plantas medicinais e suas indicações terapêuticas, saberes esses, adquiridos, principalmente, por meio dos idosos.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Fitoterapia. Quintais. Tradição.

ABSTRACT

The cultivation of plants in medical backyards seeks to keep traditional knowledge rooted in communities having as a guiding principle the maintenance of folk medicine practices. The aim of this study was to conduct a bibliographical survey on the topic of medicinal backyards and their relevance in maintaining these practices. This study addressed a literature review, selecting articles on medicinal plants used in herbal medicine by traditional communities in the North and Northeast regions of Brazil, considering the first two decades of the 21st century. Eleven articles were analyzed, related to the North region and 18 to the Northeast region of Brazil, with a period from May 2001 to May 2021. The prevalence of females, young-adults and people with low education was observed for the two regions. As for the number of species most used by participants, 15 species from 11 botanical families in which the most cited species were crajirú (*Arrabidaea chica*) and corama (*Kalanchoe pinnata*).

*Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: petruciabarbosa86@gmail.com

While for the Northeast region, 25 species from 14 families (*Aloe vera*), Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) and mint (*Mentha arvensis* L.). They are commonly used to treat diseases of the digestive and respiratory systems, liver and also for the Northeast region, as tranquilizers and colic and their therapeutic indications, these knowledge, acquired mainly through the elderly.

Keywords: Medicinal plants. Phytotherapy. Backyards. Tradition.

1 INTRODUÇÃO

Registros históricos demonstram que na antiguidade, o homem já conhecia diversas propriedades das plantas, dentre estas, destacam-se as medicinais. O conhecimento sobre o valor terapêutico das espécies vegetais vem sendo transmitido, ao longo dos tempos, de geração a geração, formando juntamente com outras práticas, um sistema tradicional (GOIS *et al.*, 2016).

Fagundes *et al.* (2017), afirmam que para se obter o conhecimento desse valor terapêutico é preciso levar em consideração o processo de entendimento sobre a Etnobotânica, sendo de grande importância conhecer e estudar em diferentes aspectos as sociedades humanas e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas, abrangendo aspectos da diversidade biológica e cultural. Este conhecimento é adquirido a partir do contato direto com populações tradicionais, de modo a compreender a relação ser humano plantas medicinais, permitindo uma integração de saberes empíricos e acadêmicos através de pesquisas.

O conhecimento empírico é aproveitado para poder se chegar numa relação de valorização, uso sustentável e aproveitamento de recursos naturais, podendo assim, construir uma base ao saber científico sobre plantas medicinais e, conseqüentemente, entender de que maneira estas pesquisas podem contribuir na busca de novos princípios ativos de plantas (FAGUNDES, *op. cit.*). A Etnobotânica utiliza-se de diversas abordagens para ampliar sua compreensão sobre o uso de recursos biodiversos, através dos saberes locais, aplicando diferentes estratégias, principalmente para a seleção de espécies propícias à bioprospecção, (RIBEIRO *et al.*, 2014).

A flora do Brasil é alvo de estudos que têm por finalidade a utilização e conservação de plantas em suas diversas categorias de uso. Por ser um país que possui uma grande diversidade de recursos florísticos, desperta acentuado interesse das comunidades científicas internacionais para pesquisas nestas áreas do saber. Com destaque para o uso de propriedades fitoterápicas, estudos com plantas medicinais têm se intensificado nas últimas décadas, em razão mesmo da busca por novos princípios ativos de plantas (RAMOS, 2017; LARA *et al.*, 2017; PASA *et al.*, 2005; QUEIROZ *et al.*, 2020), ressaltando ainda um outro aspecto a considerar, a grande comercialização mundial de fitoterápicos, podendo chegar a render milhões de dólares por ano (SOUZA; FELFILI, 2006).

Além da rica biodiversidade, o Brasil é um país miscigenado, que compreende povos de etnias, crenças e culturas diferentes. Tais diversidades são refletidas e expressas em saberes, que revelam conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais acumulados e transmitidos oralmente de geração a geração (LORENZI; MATOS, 2008), saberes estes disseminados por todo território brasileiro, com forte representatividade nas regiões Norte e Nordeste do país.

A região Nordeste possui uma extensão territorial de aproximadamente 844.453 Km², com predomínio da formação vegetacional Caatinga, característica do trópico semiárido brasileiro, ocupando 10% do território nacional (BATISTA; OLIVEIRA, 2014), aqui

encontram-se os raizeiros/curandeiros, benzedeiras que segundo Agra *et al.* (2008) possuem um amplo conhecimento sobre espécies de plantas medicinais, as quais utilizam e desfrutam das propriedades fitoterápicas.

A região Norte do Brasil é formada por sete estados, ocupa uma área territorial de 3.853.575 Km², a região tem a fitofisionomia dominada pela floresta amazônica com grande diversidade biológica, abrangendo a maior parte da região, o clima característico da região é predominantemente equatorial quente e chuvoso. Com baixos índices populacionais a região apresenta uma forte representatividade dos nativos brasileiros e uma riqueza cultural destacada. A pujança e diversidade da vegetação despertou o grande uso de plantas para fins terapêuticos entre os moradores do norte brasileiro (REGIÃO NORTE, 2011; IBGE, 2017).

Muitas comunidades sítieiras, assim como os curandeiros, têm o costume de praticar a medicina popular, seja por ser o único recurso disponível, ou por preferência ao uso do natural. Os quintais medicinais representam uma importante fonte de recursos para a saúde destas comunidades, portanto, estas famílias buscam conservar e cuidar das espécies utilizadas. Deste modo, além de estarem usufruindo dos benefícios de forma sustentável, contribuem diretamente para a preservação das espécies, fundamental na apreensão e transmissão dos saberes entre membros do grupo, legando-os às futuras gerações.

No entanto, a degradação e a perda da biodiversidade podem não ser o único problema que está ocorrendo nos dias atuais, a modernização está interferindo na prática do uso do natural, e na transmissão dos saberes tradicionais, como aponta Barbosa *et al.* (2019) e Agra *et al.* (2008), a crescente urbanização, industrialização e mudanças do estilo de vida, podem estar envolvendo as comunidades, implicando no abandono de práticas fitoterápicas, deixando se perder um rico patrimônio imaterial da cultura.

Frente ao exposto e considerando abordagens etnobotânicas em comunidades tradicionais, esta pesquisa tem por finalidade realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema quintais medicinais e sua relevância na manutenção de práticas da medicina popular, utilizando como recorte geográfico as regiões Norte e Nordeste do Brasil, com a finalidade de conhecer formas de uso, manipulação, apreensão e legado sobre o cultivo de plantas em quintais medicinais, que buscam manter arraigados os saberes tradicionais nas comunidades, tendo como princípio norteador a manutenção de práticas da medicina popular.

2 ESTADO DA ARTE

2.1 Quintais Medicinais

Segundo Freitas *et al.* (2015), os quintais medicinais podem ser considerados como um espaço para que espécies agrícolas e florestais sejam cultivadas. A importância dos quintais medicinais está ligada principalmente ao valor terapêutico que as plantas possuem e também ao aumento da renda familiar, introdução e domesticação de espécies, tendo como consequência a diversidade biológica e sua conservação, realizadas por comunidades que desenvolvem tais práticas. Deve-se enfatizar, também, a contribuição na conservação da estrutura física e da fertilidade do solo, pois utiliza insumos naturais, a fim de promover o fortalecimento do espaço que é ocupado por uma variedade de plantas.

A tradição de cultivos de plantas especialmente com valor medicinal em pequenos quintais, como uma extensão da casa, oferecia uma comodidade para usos frequentes com finalidades terapêuticas, em conformidade com o que destaca Ferreira *et al.* (2009) que relata para o nordeste brasileiro importância significativa dos quintais no cultivo das ervas medicinais, construindo segundo Freitas *et al.* (2012), sistemas próprios de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos males.

De acordo com Godoy (2004), os quintais são locais de experiências com plantas advindas de outras partes da propriedade, ou não, servindo como um espaço funcional de unidade produtiva. Assim, estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, bem como impactos de suas práticas sobre a biodiversidade, configuram-se como pesquisas relevantes ao entendimento das dinâmicas que norteiam os manejos tradicionais nas diversas categorias de usos de plantas, (ALBUQUERQUE; ANDRADE 2002).

Amorozo (2007) compreende as áreas de cultivo domiciliar como ambientes de grande relevância não só para a manutenção das tradições locais, mas também para a segurança alimentar global. Isto se deve tanto ao fato de oferecer certa autonomia ao agricultor, quanto por se constituir em uma rica fonte de germoplasma para o desenvolvimento de novos híbridos à agricultura de larga escala.

Os quintais produtivos caracterizam-se por se constituírem em espaços importantes para a propagação de conhecimentos e valores, principalmente na produção de alimentos que enriquecem a vida dos moradores. De acordo com Nunes (1994), o quintal é o espaço em que o ser humano desenvolve as primeiras relações com o ambiente, aprendendo assim a conviver com a diversidade ali existente, o manejo realizado nos quintais é bastante simples, por se caracterizar pela mão de obra dos familiares.

As pessoas adquirem estes conhecimentos de acordo com o passar do tempo, manipulando e acumulando saberes que são passados para gerações futuras. Neste sentido, as plantas são utilizadas para múltiplas finalidades. Estes saberes são utilizados pelo homem como alternativa eficaz para tratamento de doenças, produzindo informações de grande valor e próprios de sua cultura, fazendo com que a comunidade tenha seus regulamentos particulares sobre as crenças e métodos populares capazes de promover a cura de seus males (FREITAS *et al.*, 2015), com uma identidade cultural desenvolvida a partir da conexão cognitiva, emocional e simbólica com os recursos vegetais (AGUIAR; BARROS, 2012).

No entanto, vê-se que ao longo do tempo há uma ausência destes conhecimentos e práticas em consequência do processo de modernização, sendo essencial estudos para que haja o resgate destes costumes e conhecimentos tradicionais que também são processos essenciais para a manutenção da diversidade de espécies de plantas. Fatores que afetam o conhecimento e vivências da medicina local, sofrem influência direta da medicina ocidental moderna, pelos centros e profissionais da saúde, além da facilidade de acesso aos medicamentos alopáticos por meio das farmácias presentes nas áreas urbanas (SANTOS *et al.*, 2016).

Além destes fatores, houve o aumento de ações antrópicas nos ambientes naturais, que fez com que hábitos associados a medicina popular sofressem uma diminuição de seu uso por parte da sociedade, face a destruição de habitats e aumento de outros tipos de plantações, que tem como consequência a perda de um grande acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de grande valor (NETO *et al.*, 2014). Dentro deste contexto de importância dos saberes aliados aos manejos de plantas medicinais se faz mister a realização de estudos que relatem a dinâmica destes cultivos pela coletividade, em comunidades tradicionais e destaque a relevância deste legado para os povos.

2.2 Interesse das Comunidades Científicas

Os produtos naturais são utilizados pela humanidade desde tempos imemoriais. A busca por alívio e cura de doenças pela ingestão de ervas, talvez tenha sido uma das primeiras formas de utilização dos produtos naturais. A história do desenvolvimento das civilizações Oriental e Ocidental é rica em exemplos da utilização de recursos naturais na medicina, no controle de pragas e em mecanismos de defesa, merecendo destaque a civilização Egípcia, Greco-romana e Chinesa. A medicina tradicional chinesa desenvolveu-se com tal

grandiosidade e eficiência que até hoje muitas espécies e preparados vegetais medicinais são estudados, na busca pelo entendimento de seu mecanismo de ação e no isolamento de princípios ativos (VIEGAS JR. *et al.*, 2006).

O fato do ser humano ter acesso a natureza para aproveitar os recursos produzidos e disponibilizados por ela, ajudando o organismo a normalizar funções fisiológicas prejudicadas, restaurar a imunidade enfraquecida, promover a desintoxicação e o rejuvenescimento incentivou o largo uso de plantas para fins medicamentosos, (FRANÇA *et al.*, 2007; FIRMO *et al.*, 2011), tal fato desencadeou também, de acordo com Galvão *et al.*, (2009), a descoberta de medicamentos de uso tradicional e produção de fármacos como salicilatos e digitálicos, (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2007).

A transmissão de saberes sobre o uso tradicional de plantas se dá principalmente, pela oralidade e muitas vezes práticas relativas ao uso de fitoterápicos é a única forma que algumas pessoas encontram para tratar doenças ou para manutenção da saúde, usando apenas o saber popular, não considerando na maioria das vezes o entendimento sobre as propriedades farmacológicas e toxicológicas (AMOROZO, 2002).

Técnicas desenvolvidas e utilizadas no Egito para conservação de múmias ainda são um desafio para a química moderna. Na idade antiga, além de técnicas medicinais, muitos venenos foram descobertos na natureza e utilizados para fins de defesa, caça e mesmo ilícitos, como a utilização do veneno de “Hemlock” (*Conium maculatum* L.) na execução de prisioneiros, inclusive Sócrates, durante o Império Grego (PINTO, 1995; DEWICK, 1997 *apud* VIEGAS JR., *et al.*, 2006). “A natureza sempre despertou no homem um fascínio encantador, não só pelos recursos oferecidos para sua alimentação e manutenção, mas por ser sua principal fonte de inspiração e aprendizado” (VIEGAS JR., *et al.*, *op cit.*).

O profundo conhecimento do arsenal químico da natureza, pelos povos primitivos e pelos indígenas pode ser considerado fator fundamental para descobrimento de substâncias tóxicas e medicamentosas ao longo do tempo. A convivência e o aprendizado com os mais diferentes grupos étnicos trouxeram valiosas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa em produtos naturais, da compreensão da relação entre a estrutura química de um determinado composto e suas propriedades biológicas e da inter-relação animais/inseto-planta. Neste sentido, a natureza forneceu muitos modelos moleculares que fundamentaram estudos de relação estrutura-atividade (SAR) e inspiraram o desenvolvimento da síntese orgânica clássica (VIEGAS JR. *et al.*, *op cit.*).

Para que sejam obtidas informações sobre as propriedades medicinais das plantas, são necessários estudos fitoquímicos e farmacológicos. A química de produtos naturais aliada a pesquisas de farmacologia e testes clínicos são as vias que podem revelar os potenciais químicos das plantas.

A partir destas análises pode-se conhecer aplicações de bioativos em formulações, intermediários de fármacos e fármacos. O desenvolvimento de novas drogas bioativas pressupõe a realização de modelos apropriados para que sejam identificados os componentes moleculares fundamentais, indicando outros aspectos importantes na utilização de fitoterápicos, a presença de efeitos sinérgicos ou princípios ativos diferentes, mas que contribuem para a mesma função, por outro lado, isolamento de novos bioativos promovem o desenvolvimento e interesse da indústria química e farmacêutica, sobretudo, despertando o incentivo para a produção das indústrias nacionais e quiçá a exportação destas tecnologias, (MACIEL, *et al.*, 2002).

Considerando o valor terapêutico das plantas medicinais e sua eficácia medicamentosa com propriedades reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento de sintomas de doenças, seu uso é benéfico e recomendado. Contudo, muitas plantas possuem substâncias tóxicas e, por essa razão, devem ser utilizadas com cautela, respeitando seus riscos toxicológicos. Assim, cuidados especiais devem ser considerados desde a coleta, secagem,

armazenamento e preparação das plantas medicinais, afim de que seus efeitos benéficos sejam atingidos (BALBINOT *et al.*, 2013).

No início, os químicos estudavam plantas consagradas pelo uso popular, geralmente incorporadas às farmacopeias da época, limitando-se ao isolamento e à determinação estrutural de substâncias ativas. Dada a importância das plantas para a medicina de épocas passadas, a química e a medicina passaram a ter uma estreita relação, o que permitiu um rápido desenvolvimento de seus campos específicos. Desta forma, muitas substâncias ativas foram conhecidas e introduzidas na terapêutica, permanecendo até hoje como medicamentos, destacando as classes químicas dos alcalóides, flavonóides, terpenóides (FERREIRA *et al.*, 1998; VIEGAS JR. *et al.*, 2006; YUNES; CECHINEL, 2001).

2.3 Uso e Tratamento Fitoterápico

Como detentor de grande biodiversidade o Brasil possui e faz amplo uso de espécies vegetais para fins terapêuticos. Destaca-se aqui um exemplo entre inúmeros a serem citados da flora tropical e brasileira, o da espécie *Pilocarpus pennatifolius* Lem., cujos compostos químicos isolados tem ação sobre o sistema nervoso autônomo com bioativos como alcalóides, além da ação bactericida e fungicida (CARMO *et al.*, 2018).

As plantas medicinais e seus usos terapêuticos são alvo de pesquisas etnobotânicas, que mostram ainda as circunstâncias sócio culturais da população, respondendo também por resgatar e valorizar o conhecimento tradicional e a diversidade cultural destas sociedades, estudando a relação entre as plantas e as pessoas de uma maneira multidisciplinar (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Os saberes da tradição são resultantes de um rico legado que se origina nas sociedades tradicionais e ou em ambientes rurais, em que estes saberes são transmitidos através das gerações e constituem um patrimônio imaterial dos povos. Por meio da oralidade estes saberes chegam aos centros urbanos, disseminando conhecimentos ao tempo em que estabelece meios de ampliar as formas de uso das plantas nos espaços urbanos (OLIVEIRA, *op cit.*).

Considerando que a fitoterapia estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes, alguns procedimentos práticos são registrados em pesquisas para o tratamento de diferentes doenças, como o uso de fricção, aplicação de emplastros, uso de chá via oral, aplicação de banhos e passes.

O tratamento das formulações fitoterápicas utilizadas nos procedimentos terapêuticos também apresenta o uso combinado de plantas nos mesmos, sendo utilizados diversos ingredientes, como o mel, açúcar entre outros (FREITAS *et al.*, 2006).

Destaca-se ainda que os tratamentos com o uso de fitoterápicos não se limitam a espécie humana, uma vez que, animais domésticos também são passíveis de serem assistidos. A planta Jaborandi-da-mata (*Piper ottonoides* Yuncker), por exemplo, quando macerada por completo, é colocada no focinho dos cães para facilitar a retirada de secreções, restabelecendo o faro do animal.

De acordo com Amoroso e Gély (1988), as razões apresentadas para o uso de uma determinada planta encontram-se de acordo com o sistema de pensamento dos informantes, com concepções de causa e efeito próprias. Embora diferenciam-se de uma explicação causal científica, elas não excluem a possibilidade de uma ação farmacológica da planta. Um estudo mais detalhado sobre os procedimentos de administração e das razões pelas quais os informantes ministram determinadas preparações para certos fins, além de fornecer pistas para as pesquisas farmacológicas sobre os princípios ativos destas plantas, é muito útil para a compreensão do sistema de saúde dos colonos e para a implantação de programas de saúde mais eficientes (AMOROSO; GÉLY, *op cit.*)

2.3.1 Valor Terapêutico – Conhecimento Empírico

A integração do conhecimento é necessária para saber sobre a eficácia da planta, baixo risco de uso, assim como reprodutibilidade e constância de sua qualidade. Entretanto, devem ser levados em conta alguns pontos para formulação dos fitoterápicos, necessitando do trabalho multidisciplinar, para que a espécie vegetal seja selecionada corretamente, o cultivo seja adequado, a avaliação dos teores dos princípios ativos seja realizada e para que a manipulação e a aplicação na clínica médica ocorram. (ARNOUS *et al.*, 2005).

Segundo Rodrigues *et al.* (2001), a interação entre o conhecimento popular e as plantas relaciona o estudo em contato direto com as populações tradicionais a fim de conquistar a confiança e aproximação das pessoas, criando uma afinidade para que se possa resgatar o conhecimento destas populações com as plantas na comunidade, abrindo portas para um trabalho multidisciplinar que envolve estudos botânicos, florestais, agroecológicos e outras áreas, para se estabelecer valores terapêuticos de espécies vegetais, justificando assim sua utilização e conservação.

O uso de medicamentos fitoterápicos para tratamento, cura e prevenção de doenças, se destaca como uma das formas mais antigas de prática medicinal da humanidade. Produtos derivados de fontes naturais são de grande importância para o avanço de novos medicamentos, tendo em vista que muitos deles são capazes de tratar diversas enfermidades humanas, agindo como antibacterianos, anticoagulantes, antiparasitários, imunossupressores e anticancerígenos (COSTA *et al.*, 2018).

Os fitoterápicos estão entre os principais recursos terapêuticos utilizados e vêm sendo usados há muito tempo pela população brasileira nos seus cuidados com a saúde, seja na medicina complementar ou medicina alternativa. O seu uso passou a ser uma ferramenta importante dos profissionais de saúde, dos usuários, dos pesquisadores e dos gestores. Este produto é obtido de matéria prima ativa vegetal, substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa, incluindo medicamento fitoterápico e produto tradicional fitoterápico (NASCIMENTO JÚNIOR, 2016).

Ainda, segundo Nascimento Júnior (2016), o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS). Posteriormente, também foram criados a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. A Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (RDC) nº 26 define fitoterápico, podendo ser simples, quando o ativo é proveniente de uma única espécie vegetal medicinal, ou composto, quando o princípio ativo é proveniente de mais de uma espécie vegetal medicinal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos.

Para Hasenclever *et al.* (2018), os conhecimentos adquiridos em ciência e tecnologia são enormes e rápidos, oferecendo tecnologias para lidar com todas as formas de doenças. Mas nem sempre foi assim, pois os preços eram muito altos e não condizentes com orçamentos de saúde dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Diante deste cenário foram estabelecidas metas para serem alcançadas de modo a se obter acesso a medicamentos seguros, eficazes, de qualidade e preços compatíveis, em que a produção de fitoterápicos pode representar uma excelente alternativa. Os fitoterápicos são de uso opcional, levando em consideração o menor custo e a eficácia terapêutica, sendo necessário mais investimentos a respeito dos estudos científicos nessa área, para que se prove a eficiência deles pelos profissionais da área da saúde (BORGES *et al.*, 2008).

Portanto, os fitoterápicos constituem-se em uma importante fonte de inovação em saúde e podem fortalecer a produção e inovação local a partir da exploração da rica biodiversidade brasileira. Por outro lado, representa a possibilidade de ampliar as opções

terapêuticas oferecidas aos usuários do SUS, visando a melhoria da atenção à saúde e a inclusão social (HANSECLEVER *et al.*, 2018).

2.3.2 Malefícios: Uso Popular e Tradicional

Os usos populares e tradicionais não são suficientes para comprovar que as plantas medicinais são medicamentos seguros e eficazes, plantas são diferentes do xenobióticos sintéticos, assim, se faz necessário que suas formas de manipulação sejam fundamentadas em evidências experimentais, que apontem eventuais riscos a quem as utiliza, bem como informe sobre os benefícios de seus usos, (ARGENTA *et al.*, 2011).

Segundo Arnous *et al.* (2005), os efeitos colaterais são poucos na utilização dos fitoterápicos, desde que utilizados na dosagem correta e são extrínsecos à preparação, podendo na maior parte das vezes, estar relacionados a identificação incorreta das plantas. Como exemplo de avaliação de qualidade quanto aos contaminantes, um estudo investigou amostras de camomila (*Matricaria recutita* L.) obtidas em farmácias, ervarias e mercados. Somente cerca de metade das amostras apresentaram os constituintes dos óleos essenciais, necessários à atividade antiinflamatória da planta. Os resultados com a camomila indicam a precariedade com que as plantas medicinais e os fitoterápicos vêm sendo comercializados e confirmam a necessidade urgente de vigilância destes produtos no Brasil, (ARNOUS *et al.*, *op cit.*).

Medicamentos alopáticos podem ser associados aos fitoterápicos, quando acompanhados de um profissional da área de saúde. São também aspectos importantes a considerar no uso de fitoterápicos, o modo do plantio, manejo, cuidado com as partes a serem utilizadas, não utilizar plantas ruderais, evitar consumir partes velhas de plantas (casca e folhas), cuidar do adequado armazenamento para evitar eventuais contaminações por microrganismos, especialmente fungos. Observar e seguir os métodos adequados de manipulação e dosagens corretas, de modo a evitar efeitos indesejados e toxicidade.

3 METODOLOGIA

3.1 Natureza da pesquisa

O estudo refere-se a uma metodologia de investigação científica, com a finalidade de reconhecer e sintetizar análises primárias, teóricas e empíricas, que possibilitem uma síntese completa da elaboração do conhecimento a respeito de um assunto ou tema (SOUZA *et al.*, 2008).

3.2 Revisão de literatura

Este estudo abordou uma revisão de literatura, selecionando artigos sobre plantas medicinais utilizadas na fitoterapia por comunidades tradicionais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, considerando as duas primeiras décadas do século XXI.

O estudo foi desenvolvido com base nos dados coligidos do *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Portal de Periódicos CAPES, entre os meses de maio a outubro de 2020 e janeiro a maio de 2021. A primeira etapa realizada compreendeu o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Como critério de inclusão foi empregado o uso de artigos científicos, impressos ou *online*, com acesso aberto, cujo escopo atendesse as finalidades da pesquisa. Para o critério de exclusão foi empregado o uso de livros, monografias, dissertações ou teses, quando seus temas não apresentassem relação com o eixo

norteador da pesquisa, ou que apresentassem informações repetidas. Além do que foi utilizado como filtro, foram trabalhados 2 artigos relativos à região Sul, por conterem informações relevantes à discussão do trabalho.

Uma monografia de graduação e duas dissertações de mestrado foram consideradas neste estudo, apesar de se encontrarem dentro do critério de exclusão, pelo fato das mesmas estarem diretamente relacionadas com a linha de pesquisa referida para esta revisão, a mesma justificativa se aplica a tese de Buso-Ramos (2018) e ao artigo de Rodrigues e Carvalho (2001). A segunda etapa envolveu a busca dos artigos, utilizando-se as palavras-chave: *Plantas Mediciniais*, *Propriedades Mediciniais*, *Fitoterapia* e *Quintais Mediciniais*, para ambos os bancos de dados e a terceira etapa envolveu a seleção dos artigos que atendiam aos critérios estabelecidos para a pesquisa.

Foram encontrados primeiramente 73 publicações, após análise e filtro das referências, 11 artigos relacionados à região Norte do país e 18 para a região Nordeste foram selecionados (Figura 1), cumprindo os critérios para o desenvolvimento desta revisão bibliográfica, apresentando como intervalo de tempo analisado os últimos vinte anos do século vigente, com o recorte temporal compreendido entre maio de 2001 a maio de 2021.

A escolha das regiões Norte e Nordeste se deu pelo fato das mesmas serem referências em estudos de quintais medicinais, em comunidades tradicionais no Brasil, reflexo entre outros fatores, de suas formações étnicas e culturais.

Figura 1 – Representa de forma esquemática a realização da busca de artigos utilizados na construção do presente trabalho.



Fonte: Esquema elaborado pela autora, 2021.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 73 artigos coligidos o Quadro 1 destaca os resultados para a região Norte do Brasil. Observa-se que para esta região, considerando o período em análise, as mulheres são maioria (45,5 %) como guardiãs dos saberes relacionados ao cultivo, manejo e transmissão de conhecimentos tradicionais sobre uso de plantas (Quadro 1).

Quadro 1 - Artigos com o tema quintais medicinais selecionados para a região Norte do Brasil e suas associações com gênero, no período de maio de 2020 a maio de 2021.

Artigos	Gênero mais evidenciado na pesquisa	Faixa Etária/Anos				
		30-39	40-49	50-59	60-69	70-90
Plantas medicinais de uso popular em Boa Vista, Roraima, Brasil. (LUZ, F.J.F, 2001)	-	-	-	-	-	-
Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. (SANTOS <i>et al.</i> , 2008)	-	-	-	-	-	-
Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre (SIVIEIRO <i>et al.</i> , 2010)	Feminino	-	x	x	x	-
Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Mõa – Acre. (MARTINS <i>et al.</i> , 2012)	Feminino	-	-	-	-	-
Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do Sossego no distrito de Marudá – PA. (FLOR, A. S. S. O; BARBOSA, W. L. R., 2015)	Feminino	x	x	x	x	x
Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central) (VEIGA <i>et al.</i> , (2015)	Masculino	-	-	-	-	-
Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubuea de Fátima, Abaetetuba – Pará, Brasil. (MOURA <i>et al.</i> , 2016)	-	-	-	-	-	-
Fitoterapia na Amazônia: a experiência do estado do Amapá-Brasil. (FILOCREÃO <i>et al.</i> , 2017)	Feminino	-	-	-	-	-
Etnobotânica de plantas medicinais em mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil. (SANTOS <i>et al.</i> , 2018)	Feminino/masculino	-	x	x	x	-
Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Igarapé, PA. (SANTOS <i>et al.</i> , 2019)	-	-	-	-	-	-
Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em duas comunidades na floresta nacional de Tefé, Alvares, AM- Brasil. (QUEIROZ, T. M. Q., 2019)	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Tais resultados são corroborados pelas pesquisas de Calábria e colaboradores (2008), em levantamentos etnobotânicos no município de Indianópolis – MG, em que as mulheres foram os membros das comunidades analisadas que detinham maiores saberes sobre o uso de plantas medicinais. Freitas *et al.* (2012), se referem às mesmas, como sendo as principais cuidadoras da saúde familiar e exploradoras de terapias alternativas, além de grandes incentivadoras da utilização de fitoterápicos, revelando tanto referências culturais quanto às suas funções associadas aos afazeres domésticos e cuidados com a prole.

Porém, Veiga *et al.* (2015), em estudos etnobotânicos e medicina popular, realizados na Comunidade do Julião, Baixo Rio Negro, na Amazônia Central, contrargumentam dizendo que práticas realizadas através do conhecimento botânico não são restritas apenas ao gênero feminino, mas também as experiências pessoais vividas no dia a dia pelos atores sociais de ambos os gêneros na comunidade.

A faixa etária relatada nos artigos selecionados revela que, embora alguns trabalhos tragam a informação de uso por atores sociais entre 30 e 40 anos de idade, é acima dos 50 anos que mais se observa o uso de plantas medicinais na região Norte. Ao comparar o número de plantas citadas com a idade das pessoas que relataram fazer uso de algum tipo de planta medicinal, percebe-se que mulheres com idade entre 60 e 80 anos apresentaram maior frequência de uso, pois se constatou de maneira geral, que os mais idosos conhecem uma maior diversidade de plantas úteis, devido ao saber acumulado ao longo de suas vidas.

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos entrevistados, o artigo de Flor e Barbosa (2015), destaca uma maior utilização de plantas por pessoas com baixos níveis de escolaridade (analfabetos e ensino fundamental incompleto), enquanto que pessoas com o ensino médio e superior completos usavam menos fitoterápicos, pode-se inferir que provavelmente com o aumento dos níveis de escolaridade as pessoas passam a consumir mais medicamentos alopáticos, possivelmente pela aquisição de melhores condições sociais passando a optar pelo uso de formulações sintéticas, principalmente entre os mais jovens.

Por outro lado, observa-se que, antigamente a escolaridade não era tão influenciada pelos pais, seja por falta de condições financeiras ou por assumir responsabilidades desde novos, o que poderia explicar o baixo índice de escolaridade dos entrevistados nestes artigos, embora a maior parte dos estudos sobre uso de plantas medicinais na região Norte do país indiquem que entre os mais idosos o critério escolaridade não seja determinante para o consumo de plantas medicinais como observam Liporacci e Simão (2013).

Os dados socioeconômicos dos moradores de Rio Branco associados à riqueza de espécies de uso medicinal relatam que o número de espécies medicinais que ocorrem no quintal independe do grau de escolaridade, gênero, local de nascimento, idade e zona de procedência rural ou urbana, enfatizando, entretanto, que a maior proporção de informantes possui o hábito de cultivar plantas medicinais pertencente às faixas etárias superiores a 54 anos (SIVIERO *et al.*, 2012).

No Quadro 2 encontram-se apresentadas as espécies citadas nas pesquisas com quintais medicinais par o Norte do país, evidenciando as famílias botânicas, indicações medicamentosas e partes utilizadas. Vinte e três famílias botânicas são destacadas nos artigos analisados com predomínio da família Lamiaceae e trinta espécies, sendo *Arrabidaea chica* (Humb. & Bompl.) B. Verl. (crajirú), *Aloe vera* L. (babosa) e *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. (corama), as mais citadas.

Quadro 2 - Plantas medicinais citadas nos artigos pelas populações das comunidades da região Norte do Brasil, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada e uso local.

Nome Popular	Família	Nome científico	Indicação	Parte utilizada
Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Dor no estômago e no corpo	Folha
Crajirú	Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bompl.) B. Verl.	Anti-inflamatória e Reumatológicas	Folha

Mastruz	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Verme, gripe, tosse, dor de estômago	Folha
Carqueja	Asteraceae	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC	Anemia, distúrbios digestivos estomacais, intestinais e hepáticos	Hastes
Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Dor de urina, pedra nos rins, malária, hemorragia, infecção de útero	Folha, toda a planta
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gastrite, resfriado, colesterol alto, pressão alta	Todas as partes
Babosa	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Caspa, gastrites queda de cabelo, queimadura	Folha
Capim marinho	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	Calmante, queda de cabelo, dor de estômago e urina	Folha e raiz
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Ar, banho de criança, mãe do corpo, dor de cabeça, varizes, febre, piolho	Folha
Catinga de mulato	Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng	Derrame, cólica, doença do ar, pressão alta, gases, dor de estômago e ouvido, infecção de mulher	Folha
Corama	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Inchaço, sinusite, tumor, gastrites, inflamação, tosse, carne crescida, ferida no útero, dor de urina	Folha
Poejo	Lamiaceae	<i>Mentha sp.</i>	Hemorragia	Folha
Laranja	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Antioxidante, azia e inchaço	Suco da fruta e chá das folhas
Cana de açúcar	Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Distúrbio do rim, fadiga, insônia, parasita intestinal, angina e úlcera	Raiz, colmo e folhas
Gergelim	Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Antioxidante, antimicrobiana, antiinflamatória e antidiabética	Folhas, caules e raiz
Erva de jaboti	Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth.	Tosses, resfriados, antiinflamatória e pressão alta	Folhas

Carambola	Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Antidiarreico e febrífugo	Folhas
Bananeira	Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Laxante, anemia, emoliente e antidiarréico	Fruto, flores, seiva
Erva cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Sedativo em dores de cabeça e de dente	Folhas e ramos
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Anemia, cólica menstrual, calmante	Folhas
Seringueira	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis</i> Muell. Arg.	Vermífugo	-
Cara – moela	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	Vermes intestinais, feridas, furúnculos, inflamações, reumatismo	Tubérculos e raízes
Abacaxi	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Hematomas e contusões	Frutos e folhas
Agrião	Brassicaceae	<i>Nasturtium officinale</i> W. T. Ailton	Anemia, astenia, reumatismo	Folhas e talos
Açaí	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Vermífugo, anti-hemorrágico	Fruto e raiz
Cebolinha	Aliaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Resfriados, dores de cabeça, feridas	Toda a planta
Coentro	Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Cólicas gastrointestinais, falta de apetite, problemas respiratórios	Folhas, frutos e sementes
Alho	Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Parasitoses intestinais, gripes, trombose, arteriosclerose	Bulbos
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Ness.	Diarreias, calmante	Cascas
Amor crescido	Portulacaceae	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Inflamação, fígado, queda de cabelo, próstata	Folha

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No artigo de Barbosa e Flor (2015), as plantas mais citadas durante a pesquisa foram capim marinho (*Cymbopogon densiflorus* (Steud.) Stapf), arruda (*Ruta graveolens* L), amor crescido (*Portulaca pilosa* L.) e catinga de mulata (*Aeolanthus suaveolens* L.). A família Lamiaceae contém, aproximadamente, 258 gêneros e 7193 espécies, só no Brasil há 23 gêneros e 232 espécies, a família está presente em várias partes do mundo com porte de ervas, arbustos ou árvores, largo emprego em fitoterapias e outras categorias de uso, (BARBOSA; FLOR, 2015).

As plantas são cultivadas na própria residência, contudo, algumas pessoas que também comercializam com os vegetais adquirem os mesmos com comerciantes locais, alguns

vendedores relatam ter aprendido com os próprios consumidores e fornecedores, fornecendo informação sobre as indicações terapêuticas das plantas, ou terem aprendido com os próprios pais.

Foram constatadas oito formas de preparo dos fitoterápicos, sendo a mais utilizada o decocto, ou seja, o cozimento da parte vegetal em água, seguido da infusão, que consiste na submersão da parte vegetal em água, logo após a fervura desta. Quanto à parte da planta mais utilizada no preparo caseiro, destacam-se as folhas, caule (cascas, leite e resinas), formulações amplamente disseminadas nesta região.

A decocção é a formulação terapêutica mais comuns para os transtornos do aparelho digestório, principalmente as diarreias, evidenciando a necessidade de tratamento da água de modo a minimizar as patologias de veiculação hídrica, segundo Moura *et al.*, 2016.

Outras afecções para as quais se utilizam fitoterápicos, entre os atores sociais na região Norte do país foram: gastrites, problemas renais e doença de mulher. Em menor número, foram relatadas enfermidades que englobam problemas hepáticos, gripes e diabetes.

Para as pesquisas relacionadas à região Nordeste do Brasil, assim como os dados levantados para a região Norte do país, o gênero feminino foi o que mais se destacou na maioria dos artigos estudados (50 %), Quadro 3. Esse dado corrobora com os estudos de Dantas e Torres (2019), que relatam a mulher como detentora dos saberes tradicionais, das formas de cultivo e manejo de plantas. De acordo com Oliveira e Lucena (2015), essa realidade está relacionada ao fato de que a maioria das mulheres do interior permanecerem em casa para realizar os afazeres no âmbito doméstico.

Por outro lado, os estudos de Lima *et al.* (2016), realizados com comerciantes de plantas medicinais no município de Arapiraca – AL, mostraram que os homens foram indicados como maiores detentores do conhecimento. Esse é o único resultado que contradiz com os artigos estudados para essa revisão.

Foram abordados sete artigos que fazem menção a faixa etária dos participantes. Esses artigos selecionados revelam que alguns trabalhos trazem a informação de uso por atores sociais entre 60 a 69 anos (um artigo), em concordância com o que observou Abreu *et al.* (2017) no estudo de vegetais cultivados em quintais rurais piauienses, que encontraram maior predominância de uso por atores sociais entre 61 a 70 anos de idade. Contudo, o estudo de Silva *et al.* (2014), que abordou o cultivo em quintais pela população de um município no semiárido piauiense, mostrou que há uma maior frequência de uso de plantas medicinais entre pessoas com 31 a 55 anos, usos relativamente frequentes por atores sociais na faixa etária de 18 a 30 anos e menor representatividade entre 76-90 anos.

Esse último artigo mencionado, corrobora em termos de faixa etária com o artigo de Souza *et al.* (2013) sobre a utilização de plantas medicinais com atividade antimicrobiana por usuários do serviço público de saúde em Campina Grande - Paraíba. Souza e colaboradores (*op cit.*), chamam atenção para a faixa etária prevalente, situada entre 18 e 30 anos de idade, diferentemente das pesquisas realizadas para a região Norte do país e a maioria dos trabalhos pesquisados para a região Nordeste.

Quadro 3 - Artigos com o tema quintais medicinais selecionados para a região Nordeste do Brasil e suas associações com gênero, no período de maio de 2020 a maio de 2021.

Artigos	Gênero mais evidenciado na pesquisa	Faixa Etária/Anos				
		30-39	40-49	50-59	60-69	70-90

Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. (DANTAS, J.I.M; TORRES, A.M., 2019)	Feminino	x	x	x	x	x
Utilização de plantas medicinais por idosos em três bairros do município de Conceição do Almeida. (OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2018)	Feminino	-	-	-	x	x
Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). (ROQUE <i>et al.</i> , 2008)	Feminino/Masculino	-	-	-	-	-
Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. (MOSCA <i>et al.</i> , 2009)	Feminino	-	-	-	-	-
Plantas medicinais: cultivo em quintais pela população de um município do semiárido Piauiense, Nordeste do Brasil. (SILVA <i>et al.</i> , 2014)	Feminino	x	x	x	x	x
Transmissão de conhecimentos etnobotânicos na étnia Jenipapo Kanindé- Aquiraz, Ceará. (BATISTA <i>et al.</i> , 2018)	-	-	-	-	-	-
Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. (MARINHO <i>et al.</i> , 2011)	Feminino	x	x	x	x	x
Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. (OLIVEIRA; BARROS; MOITA NETO, 2010)	-	-	-	-	-	-
Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. (LIMA <i>et al.</i> , 2016)	Feminino	-	-	-	-	-
O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá- Ceará. (OLIVEIRA, D.M.S; LUCENA, E.M.P., 2015)	Feminino	-	-	x	x	-
Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. (BAPTISTEL <i>et al.</i> , 2014)	-	-	-	-	-	-

Comercialização de Plantas Medicinais no Município de Arapiraca-AL. (LIMA <i>et al.</i> , 2016)	Feminino	x	x	x	x	-
Utilização de plantas medicinais com atividade antimicrobiana por usuários do serviço público de saúde em Campina Grande - Paraíba. (SOUZA <i>et al.</i> , 2013)	Feminino	x	-	-	-	-
Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. (SILVA, T.S; FREIRE, E.M.X., 2010)	-	-	-	-	-	-
Prospecção fitoquímica e avaliação do potencial antioxidante de <i>Cnidocolus phyllacanthus</i> (Müll. Arg.) Pax & Hoffm. Oriundo de Apodi – RN. (MORAIS <i>et al.</i> , 2016)	-	-	-	-	-	-
Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. (CORDEIRO, J.M.P; FELIX, L.P., 2014)	-	-	-	-	-	-
Vegetais cultivados em quintais rurais Piauienses com indicação anticâncer: uma busca pelo conhecimento tradicional. (ABREU <i>et al.</i> , 2017)	Feminino	-	x	-	x	x
Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. (FREITAS <i>et al.</i> , 2015)	Feminino	x	x	x	x	x

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De modo geral a escolaridade não é fator determinante para o uso de fitoterápicos na região Nordeste do país, embora se observem uma frequência menor de utilização de plantas medicinais entre atores sociais com nível de escolaridade mais avançado com ensino médio completo, segundo Mosca *et al.* (2009). No Nordeste apenas em um artigo houve registro de pessoas sem nenhuma escolaridade. Entre os entrevistados com formação superior 72% afirmam utilizar medicamentos caseiros, ainda que raramente, Mosca *et al.* (*op cit.*).

Já em pesquisa realizada por Oliveira, Barros e Moita Neto (2010), em comunidade de Oeiras, semiárido do Piauí, a maior frequência de uso de plantas medicinais se dá entre pessoas com baixa escolaridade, ensino fundamental incompleto, enquanto, que pessoas com ensino superior fazem menos usos de fitoterápicos. Marinho *et al.* (2011), que abordam o levantamento etnobotânico de plantas medicinais em uma área de caatinga no município de São José de Espinharas localizado no estado da Paraíba, mostram que o índice de analfabetismo é maior em pessoas de maior idade, que mais utilizam vegetais medicinais.

Estes dados refletem as condições educacionais dos entrevistados e estão de acordo com levantamentos etnobotânicos e etnofarmacológicos realizados em outras regiões do Brasil. A renda familiar dos pesquisados situou-se entre 1 e 2 salários mínimos, retratando o baixo poder aquisitivo da população, que não tendo como custear suas necessidades básicas de saúde busca assistência ao SUS (SOUZA *et al.*, 2013). Em contrapartida, no trabalho de Baptistel *et al.* (2014), realizado em Santo Antônio, município de Currais – PI constatou-se

que o grau de escolaridade e a renda mensal dos informantes não influenciaram na quantidade de citações e uso de vegetais com potencial medicinal.

Dezenove famílias e trinta e oito espécies botânicas foram referidas nos estudos de quintais medicinais para a região Nordeste, no período em análise (Quadro 4). A família que teve maior número de indicações foi a Fabaceae, seguida de Lamiaceae, Euphorbiaceae, Cactaceae e Rutaceae. A jurema, seguida do camuru e catingueira foram as plantas nativas com maior número de citações para o uso medicinal, sendo indicada para alguns tipos de tratamentos (SILVA; FREIRE, 2010).

Enquanto que na pesquisa de Souza *et al.* (2013), realizada no município de Campina Grande as plantas citadas com atividade antimicrobiana foram: romã (*Punica granatum* L.), cajueiro roxo (*Anacardium occidentale* L.), babatenon (*Stryphnodendron coriaceum* Benth.), quixabeira (*Bumelia sartorum* M.) e babosa (*Aloe vera* L.).

Cordeiro e Felix (2014) em estudo sobre conhecimento botânico de plantas medicinais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, destacaram as espécies *Myracrodruon urundeuva* Allem. (Aroeira), *Genipa americana* L. (Jenipapo), *Solanum paniculatum* L. (Jurubeba) e *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan. (Angico), como as mais citadas pelos entrevistados.

Das espécies terapêuticas com maior número de citações, 11 são consideradas nativas na região da Comunidade Rural Santo Antônio, destacando imburana (*Amburana cearensis* (Allem.) A. C. SM), batata de purga (*Operculina hamiltonii* (G. Don.) D.F. Austin & Staples) e mangabeira (*Lafoensia replicata* Pohl.) (BAPTISTEL *et al.*, 2014).

Quadro 4 - Plantas medicinais citadas nos artigos pelas populações das comunidades da região Nordeste do Brasil, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada e uso local.

Nome Popular	Família	Nome científico	Indicação	Parte utilizada	Modo de preparo
Boldo; Sete dores	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Dor no estômago e no corpo	Folha	Suco, Sumo e infusão, Chá
Erva cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Dor de barriga, câimbra de sangue, calmante, insônia	Folha	Chá
Mastruz	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Verme, gripe, tosse, dor de estômago	Folha	Suco, infusão/ Xarope
Babatanon	Fabaceae	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	Cicatrização de feridas, queimaduras	Folha e casca	Infusão da casca; chá
Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Dor de urina, pedra nos rins, malária, hemorragia, infecção de útero	Folha, toda a planta	Decocto e infuso, decocto para banho
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Calmante, expectorante	Folha	Decocto e infuso

Babosa	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Caspa, gastrites, queda de cabelo,	Folha	Chá, suco/passar no local, batido com mel
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Dor de cabeça, varizes, febre, piolho, dor de ouvido	Folha	Sucos, infusão
Jurubeba	Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Doenças renais	Raiz	Chá
Genipapinho	Rubiaceae	<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	“Colar osso”, fratura	Folha	Compressa
Angico	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Anti-inflamatória, tosse, bronquite	Casca	Infusão da casca
Batata de purga	Convolvulaceae	<i>Operculina hamiltonii</i> (G. Don.) D.F. Austin & Staples	Laxante, doenças de pele, problemas de dentição em crianças	Batata	Infusão
Uva do mato	Asteraceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicol. & C.E. Jarvis	Diabetes, reumatismo, anti-inflamatório	Folhas	Chá
Capim santo	Poaceae	<i>Citratus citratus</i> (L.) Stapf	Pressão alta	Folhas	Chá/decocto e infuso
Quebra pedra	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Pedras nos rins	Raiz	Infusão
Erva doce	Apiaceae	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Dificuldade de urinar e calmante	Semente	Chá
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i> L.	Dor de cabeça; Gastrite; febre; dor de barriga.	Caule, flor e folha	Infusão
Sabugueiro	Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> L.	Resfriados, febre	Folhas e flores	Chá e infusos
Camomila	Asteraceae	<i>Matricaria recutita</i> L.	Anti-inflamatória e calmante	Flores	Infusão
Laranjeira	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Pressão, dor de cabeça, calmante, cólicas, tonturas, vômitos	Folha, flor e semente	Chás
Limão	Rutaceae	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Dor na garganta; gripe; garganta inflamada; dor de barriga; anemia; enjoo; asma; para emagrecer; tosse	Folha e fruto	Suco, lambedor e decocção
Romã	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Inflamação do ovário; inflamação de garganta;	Fruto e semente	Lambedor, decocção e maceração

			inflamações gerais.		
Pinhão bravo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl.) Baill.	Antibactericida	Latex	Latex
Cajueiro roxo	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Frieiras e inflamações	Folhas e cascas	Chás
Jurema	Fabaceae	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Cicatrização	Casca	Infusão
Cumaru	Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Doenças do coração, cólicas e anti-asma	Casca	Infusão
Catingueira	Fabaceae	<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G. P. Lewis	Doenças intestinais e respiratórias	Casca	Infusão
Jenipapo	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Cicatrizante	Casca	Infuso
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urudeuva</i> Allem.	Cicatrizante	Casca	Chás
Mangabeira	Lythraceae	<i>Lafoensia replicata</i> Pohl.	Inflamações em gerais, doenças do fígado e rins	Casca e folhas	Chás e infusões
Mandacaru	Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC. C.	Anti-oxidante	Frutos e caule	Maceração
Coroa de frade	Cactaceae	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	Doenças nos rins e intestinos	Frutos	Chás
Xique – xique	Cactaceae	<i>Pilosocereus gounellei</i> K. Schum.	Protetor gástrico	Fruto e haste	Sucos
Favela	Euphorbiaceae	<i>Cnidoscylus quercifolius</i> Pohl.	Cauterização de verrugas, Anti-inflamatório, cicatrizante	Folhas, cascas e látex	Infusão
Imburana	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allem.) A. C. SM	Cicatrizante	Casca	Infuso
Urtiga	Euphorbiaceae	<i>Urtica dioica</i> L.	Diurético e anti-inflamatório	Folhas e raízes	Infusão
Marmeleiro	Euphorbiaceae	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Hemorragia uterina, vômitos, diarreias, dores de estômago	Folhas, flores, cascas e raízes	Óleos
Quixabeira	Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn	Inflamação; pancada; ferida; bronquite; inflamação de útero.	Casca	Maceração

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em pesquisas sobre quintais medicinais no Nordeste, algumas comunidades relatam que quando não encontram uma planta necessária nos seus quintais, recorrem aos vizinhos

(OLIVEIRA *et al.*, 2018). No trabalho de Souza *et al.* (2013), em pesquisa com usuários de serviço de saúde no município de Campina Grande – PB, os entrevistados mencionaram que além de seus quintais adquirirem vegetais medicinais de outras maneiras, dentre elas com vizinhos, em áreas de mata próximas as residências ou em mercados públicos. Essa última forma de aquisição representou as respostas da maioria das pessoas para esse estudo, sem desprezar a obtenção de vegetais cultivados em suas próprias residências.

Por outro lado, o quintal é o local onde a comunidade cultiva as espécies de uso mais comum e também aquelas espécies de outras localidades. Esse trabalho mencionou ainda que as plantas e receitas são trocadas livremente entre vizinhos e parentes quando há necessidade, relatado na pesquisa de Marinho *et al.* (2011), teoria corroborada com a de Silva *et al.* (2014).

Quanto à origem do conhecimento sobre a fitoterapia das plantas medicinais, afirmaram tê-la adquirido pela vivência com os pais, que utilizavam em uso próprio ou para curar outras pessoas, porém, alguns disseram que mesmo assim, consultam livros sobre o assunto (LIMA *et al.*, 2016).

De acordo com Oliveira *et al.* (2018) os saberes tradicionais ligados a hábitos e costumes de atores sociais, são resultantes de conhecimentos apreendidos por meio da transmissão de oral através de gerações anteriores. Destacando relatos de entrevistados que afirmam haver obtido conhecimentos e as práticas de usos de plantas medicinais com pessoas das comunidades. Essa procura por fitoterápicos ocorreu devido a vários fatores, dentre eles: pelo fato de antigamente existirem poucas farmácias e medicamentos industrializados como os da atualidade, fazendo com que esses vegetais fossem o único meio para curar ou aliviar determinadas doenças. Em alguns casos, as pessoas faziam a substituição do café pelo chá, como por exemplo, a erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.) e o capim - santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf).

Por outro lado, chama a atenção o fato de que muitos entrevistados desconhecem os riscos de toxicidade que o uso contínuo de algumas plantas medicinais possui, como é o caso do boldo. Já existem estudos que comprovam que o uso contínuo deste, pode vir a causar problemas auditivos severos. Isso mostra que a falta de informação e esclarecimento leva muitas vezes os indivíduos a fazerem o uso prolongado, (OLIVEIRA; LUCENA, 2014).

Quanto às formas mais utilizadas, observa-se que as infusões e decocções constituem o principal meio de preparação de medicamentos com as espécies vegetais da caatinga, seguidos pelos lambedores (xaropes) e macerações. Quanto à parte da planta mais utilizada no preparo caseiro, estão as folhas e casca, métodos bastantes comuns nesta região, (MOREIRA *et al.*, 2002; FERREIRA; FELIX, 2014; SOUZA *et al.*, 2013).

No trabalho de Oliveira e colaboradores (2018), o chá representou a principal forma de manipulação, seguida de maceração e xaropes caseiros, ainda nesse artigo é mencionado a utilização de plantas medicinais por idosos em três bairros do município de Conceição do Almeida. O grande número de citações das folhas como sendo as partes mais utilizadas pelos idosos, acontecem provavelmente pela facilidade da coleta ou por já saberem e fazerem uso há muito tempo. Esses dados podem ser justificados pelo fato das plantas coletadas nas três áreas apresentarem folhas disponíveis durante todo o ano e pelo fato de serem nas folhas que se concentram grande parte dos princípios ativos.

Observa-se que as infusões e decocções constituem outras formas de preparo destacados nos artigos analisados, seguidos pelas macerações a lambedores (xaropes). Esse último é uma preparação espessada com açúcar, sendo geralmente produzida a partir de plantas usadas para problemas respiratórios, como tosse e bronquite (CORDEIRO; FELIX, 2014).

Além dessas indicações, o trabalho de Mosca e Loiola (2009), mostra que a maioria das espécies foi indicada para o tratamento de doenças dos aparelhos digestivo, respiratório e genito-urinário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise de estudos acerca do uso das plantas medicinais cultivadas em quintais da Região Norte e Nordeste do Brasil, pode-se concluir que foi observada prevalência do gênero feminino, de jovens-adultos e pessoas com baixa escolaridade para as duas regiões. Os artigos relacionados a região Nordeste foram mais numerosos no período e revelaram, portanto, maior quantidade de espécies citadas. As preparações medicinais mais frequentes são os chás e infusões, especialmente de folhas e cascas. Com relação aos conhecimentos etnoecológicos e etnobotânicos abordados, os idosos são os principais educadores ambientais para a comunidade. Logo, a valorização dos idosos na comunidade é uma medida importante para que os saberes tradicionais não se percam com o tempo.

REFERÊNCIAS

- AGRA, M. F.; SILVA, K. N.; BASÍLIO, I. J. L. D.; FREITAS, P. F.; BARBOSA FILHO, J. M. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 3, p. 472-508, 2008.
- AGUIAR, L. C. G. G.; BARROS, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, p. 419-434, 2012.
- ABREU, M. C.; SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R. Vegetais cultivados em quintais rurais piauienses com indicação anticâncer: uma busca pelo conhecimento tradicional. **Ciência e Natura**, v. 39, n. 1, p. 22-32, 2017.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais pelos caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio de Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 189 -203, 2002.
- AMOROZO, M. C. M. Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade. Agricultura Tradicional, Espaços de Resistência e o Prazer de Plantar. *In*: Albuquerque, U.P. et al (orgs.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, p. 123-131.
- ARGENTA, S. C.; ARGENTA, L. C.; GIACOMELLI, S. R.; CEZAROTTO, V. S. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências**, v.7, n. 12, p. 51-60, 2011.
- ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

ANDRADE, S. A. L.; TRISTÃO, M. I. S.; MIGUEL, M. D.; DIAS, J. F. G.; GOMES, E. C.; BURCI, L. M.; PAULA, C. S. Fitoterápicos da relação nacional de medicamentos essenciais no Brasil. **Revista Cubana de Plantas Mediciniais**, v. 22, n. 1, p. 1-8, 2017.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P. G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro - Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 15, n. 4, p. 632-638, 2013.

BAPTISTEL, A. C.; COUTINHO, J. M. C. P.; LINS NETO, E. M. F.; MONTEIRO, J. M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, p. 406-425, 2014.

BATISTA, L. P. P.; PAULA, E. O.; MATOS, T. P. B. M. Transmissão de saberes etnobotânicos na etnia Jenipapo-kanindé, Aquiraz, Ceará. *In: VII. ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS*, 11. 2015, Fortaleza. **Anais eletrônicos [...]**. Fortaleza: Editora Realize, 2018. p. 1 - 9.

BORGES, K. B.; BAUTISTA, H. B.; GUILERA, S. Diabetes - utilização de plantas medicinais como forma opcional de tratamento. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 5, n. 2, p. 12-20, 2008.

BUSO-RAMOS, M. M. **Atividade anticandida e citotoxicidade do óleo essencial de *Psidium cattleyanum* (araçá-amarelo)**. 2018. 77 f. Tese (Doutorado em Biologia Bucal) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2018.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G. T.; HWANG, S. M.; MARRA, J. C. F.; MENDONÇA, M. F.; NASCIMENTO, R. C.; OLIVEIRA, M. R.; PORTO, J. P. M.; SANTOS, D. F.; SILVA, B. L.; SOARES, T. F.; XAVIER, E. M.; DAMASCENO, A. A.; MILANI, J. F.; RESENDE, C. A. A. BARBOSA, A. A. A.; CANABRAVA, H. A. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil, **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008

CARMO, G.; FERNANDES, T. S.; PEDROSO, M.; FERRAZ, A.; NETO, A. T.; SILVA, U. F.; MOSTARDEIRO, M. A.; BACK, D. F.; DALCOL, I. L.; MOREL, A. F. Estudo fitoquímico e antibacteriano de *Pilocarpus pennatifolius* Lemaire. **Fitoterapia**, v. 131, n. 2, p. 1-8, 2018.

CECHINEL FILHO, V.; YUNES, R. A. Estratégia para a obtenção de compostos farmacologicamente ativos a partir de plantas medicinais. Conceitos sobre modificação estrutural para otimização da atividade. **Química Nova**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 99-105, 1998.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 3, p. 685-692, 2014.

COSTA, G. F. C. **Plantas associadas a distúrbios mentais e neurológicas: uma comparação entre etnofarmacologia e testes farmacológicos**. 2018. 64 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde, Palmas, 2018.

DANTAS, J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 39 - 48, 2019.

FAGUNDES, N. C. A.; OLIVEIRA, G. L.; SOUZA, B. G. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-118, 2017.

FERREIRA, S. H.; BARATA, L. E. S.; SALLES FILHO, S. L. M.; QUEIROZ, S. R. R.; CORAZZA, R.; FARIAS, R. C. Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil. **Academia Brasileira de Ciências**: Rio de Janeiro. p. 131, 1998.

FERREIRA, F. S.; BRITO S. V.; RIBEIRO, S. C.; SARAIVA, A. A. F.; ALMEIDA, W. O.; ALVES, R. R. N. Animal based folk remedies sold in public markets in Crato and Juazeiro do Norte, Ceará, Brazil. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 9, n. 17, 2009.

FILOCREÃO, A. S. M.; GALINDO, A. G.; DOS SANTOS, T. J. S. Fitoterapia na Amazônia: a experiência do estado do Amapá-Brasil. **Desenvolvimento do Meio Ambiente**. v. 40, p. 399-420, 2017.

FIRMO, W. C. A.; MENEZES, V.J.M; PASSOS, C. E.C.; DIAZ, C.N.; ALVES, L.P.L.; DIAS, I.C.L.; NETO, N. S.; OLEA, R.S.G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. especial, dez. 2011.

FLOR, A. S. S. O.; BARBOSA, W. L. R. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do Sossego no distrito de Marudá - PA. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 17, n. 4, p. 757-768, 2015.

FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. R; BRITTO, V. G. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, p. 201-208, mar/abr, p. 201-208, 2007.

FREITAS, J. C.; FERNANDES, M. E. B. Uso de plantas medicinais pela comunidade de Enfarrusca, Bragança, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**. Belém, v. 1, n. 3, p. 11-26, 2006.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; PEREIRA, Y. B.; NETO, E. C. F.; AZEVEDO, R. A. B. Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v. 17 n. 4, p. 845-856, 2015.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. Plantas medicinais um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE divulga as estimativas populacionais dos municípios para 2017**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <Http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa>. Acesso em 29 de março de 2021.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados são do Censo do IBGE de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE.

GALVÃO, M. N.; PEREIRA, A.C.M.; ESTEVES, V.G.; ESTEVES, R. L. Palinologia de espécies de Asteraceae de utilidade medicinal para a comunidade da Vila Dois Rios, Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 23, n. 1, p. 247-258, 2009.

GODOY, D. P. **Estrutura e função dos quintais de unidades de produção das comunidades Nossa Senhora da Guia e Santana, Cáceres –MT. Cuiabá-MT**. 2004. 111 p. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Cuiabá, 2004.

GOIS, M. A. F.; LUCAS, F. C. A.; COSTA, J. C. M.; MOURA, P. H. B.; LOBATO, G. J. M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Campinas, v.18, n. 2, p. 547-557, 2016.

HASENCLEVER, L. PARANHOS, J.; COSTA, C. R.; CUNHA, G.; VIEIRA, D. The Brazilian phytotherapeutics industry: challenges and opportunities. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2559-2569, 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. São Paulo: Nova Odessa, 2008. 576 p.

LUZ, F. J. F. Plantas medicinais de uso popular em Boa Vista, Roraima, Brasil. **Horticultura Brasileira**, v. 19, n. 1, p. 88-96, 2001.

LIMA, I. E. O.; NASCIMENTO, L. A. M.; SILVA, M. S. Comercialização de plantas medicinais no município de Arapiraca-AL. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 2, p. 462-472, 2016.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; JUNIOR, V. F. V. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 13, n. 2, p. 170- 182, 2011.

MARTINS, W. M. O.; MARTINS, L. M. O.; SILVA, F. S.; MARTINS, W. J. O. LIMA JUNIOR, S. F. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Môa – Acre. **Revista Biotemas**, v. 25, n. 3, p. 111- 120, 2012.

MELO-BATISTA, A.; OLIVEIRA, C. R. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 10, n. 18, p. 74-88, 2014.

MORAIS, N. R. L. OLIVEIRA NETO, F. B.; MELO, A. R.; BERTINI, L. M.; SILVA, F. F. M.; ALVES, L. A. Prospecção fitoquímica e avaliação do potencial antioxidante de *Cnidocolus phyllacanthus* (Müll. Arg.) Pax & k. Hoffm. Oriundo de Apodi–RN. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v. 18, n. 3, p. 180-185, 2016.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 4, p. 225 - 234, 2009.

MOURA, P. H. B.; LUCAS, F. C. A.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; LOBATO, G. J. M. Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba – Pará, Brasil. **Revista Biotemas**. v. 29, n. 2, p. 77-88, 2016.

NASCIMENTO JÚNIOR, B.; TÍNEL, L. O.; SILVA, E. S.; RODRIGUES, L. A.; FREITAS, T. O. N.; NUNES, X. P.; AMORIM, E. L. C. Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina PE, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 18 n. 1, p. 57-66, 2016.

NETO, F. R. G.; ALMEIDA, G. S. S. A; JESSUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 16, n. 4, p. 856-865, out. /dez. 2014.

OLIVEIRA, C. J.; ARAÚJO, T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 93 - 105, 2007.

OLIVEIRA, F.C.S.; BARROS, R.F.M.; MOITA NETO, J.M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, p. 282-301, 2010.

OLIVEIRA, T. L.; NERI, G. F.; OLIVEIRA, V. J. S.; de BRITO, N. M. Utilização de plantas medicinais por idosos em três bairros do município de Conceição do Almeida- BA. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14, n. 2, p. 138-151, 2018.

OLIVEIRA, D. M. S.; LUCENA, E. M. P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá–Ceará. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 3, p. 407-412, 2015.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição – Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasílica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

QUEIROZ, L. B.; LUNA, K. P. O.; OLIVEIRA, É. C. S. Saberes da tradição: Relatos etnográficos de vaqueiros sobre o uso de recursos naturais no tratamento de afecções decorrentes da “pega de boi”, agreste pernambucano – Brasil. **Ethnoscientia**, v. 5, n. 1, p. 1-8, 2020.

QUEIROZ, T. B. M. **Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em das comunidades na floresta nacional de Tefé, Alvarães, AM, Brasil**. 2019. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, AM, 2019.

RIBEIRO, D. A. MACÊDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SARAIVA, M. E.; OLIVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais

em uma área de caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 16, n. 4, p. 912-930, 2014.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande - Minas Gerais. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 25, n. 1, p. 102- 123, 2001.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Use and diversity of medicinal plants from Caatinga in the rural community of Laginhas, Caicó Municipality, Rio Grande do Norte State (Northeast of Brazil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 1, p. 31 - 42, 2010.

SANTOS, A. B. N.; ARAÚJO, M.P.; SOUSA, R.S.; LEMOS, J. R. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 442-450, 2016.

SANTOS, J. J. F.; COELHO-FERREIRA, M.; LIMA, P. G. C. Etnobotânica de plantas medicinais em mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil, Macapá. **Biota Amazônica**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2018.

SANTOS, E. Q.; COSTA, J. F. S.; PEREIRA, M. G. S.; COSTA, M.; SOUZA, R. L. Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Rio Meruú, IgarapéMiri, Pará. **Scientia Plena**, v. 15, n. 5, p. 1-11, 2019.

SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R.; FERREIRA, M. G. R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquememes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, v. 26, n. 2, p. 244-250, 2008.

SANTOS-LIMA, T. M.; SANTOS, D. R. V.; SOUZA, R. M.; BASTOS, N. G.; VANNIER-SANTOS, M. A.; NUNES, E. S.; DIAS-LIMA, A. G. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, p. 240-247, 2016.

SILVA, S.; ANSELMO, M. G. V.; DANTAS, W. M.; ROSA, J. H.; NUNES, E. N.; SOARES, J. P.; ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v. 8 n. 2, p. 248-265, 2014.

SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 4, p. 427- 435, 2010.

SILVA, M.F.P.; SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; GOMES, T. M. F.; FERREIRA, P. M. P.; CERQUEIRA, G. S. Plantas medicinais: Cultivo em quintais pela população de um município do semiárido Piauiense, Nordeste do Brasil. **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 7, n. 3, p. 101 - 113, 2014.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T.A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L.C.; MENDONÇA, A.M.S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. v. 14, n. 4, p.598-610, 2012.

SOUZA, C. M. P.; BRANDÃO, D. O.; SILVA, M. S. P.; PALMEIRA, A. C.; SIMÕES, M. O. S.; MEDEIROS, A. C. D. Utilização de plantas medicinais com atividade antimicrobiana por usuários do serviço público de saúde em Campina Grande-Paraíba. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 2, p. 188-193, 2013.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

VIEGAS J. R.; BOLZANI, C. V. S.; BARREIRO, E. J. Os produtos naturais e a química medicinal moderna. **Química Nova**, v. 29, n. 2, p. 326- 337, 2006.

VEIGA, J. B.; SCUDELLER, V. V. Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central). Campinas. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 4, p. 737-747, 2015.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado forças para superar as dificuldades.

Agradeço à minha mãe Inácia, que, com humildade, fez-me melhor. A você, minha gratidão.

Agradeço a meu companheiro, Ailson, que sempre esteve comigo, me apoiando nos momentos que eu precisei.

À minha orientadora, Érica, que esteve presente nos momentos que eu necessitei, dando todo auxílio possível para elaboração deste trabalho.

A todos professores do curso, que através dos seus ensinamentos, permitiram que hoje eu pudesse está concluindo esse trabalho.

Agradeço à instituição de ensino, UEPB, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

E por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.